

Desagrip: Aluis Santos

Boletim

"O GABELENSE"

Associação dos Naturais, Ex-Residentes
e Amigos da Gabela
Rua Américo Durão, Lote 13 C2 - 5º DM
1900 LISBOA
Tel: 8482323

Ano I - Nº 2/Jun. 1998



Nesta edição

O CASAL CAPÊLO FOI À GABELA

Pág. 3

UMA TROVOADA EM AMBOIM

Pág. 4

IRMÃOS CASTRO: OUTRA DUPLA DE SUCESSO

Pág. 5

DE JEEP A BISSAU:

As Aventuras de um Gabelense

Pág. 7

ERA UMA VEZ UMA MENINA

Pág. 11

RECORDAR É VIVER:

COISAS DO TEMPO DO KAPARANDANDA

Pág. 14



EDITORIAL

O nosso Boletim vai no segundo ano de publicação.

Simple, sem pretensões, pensamos que tem agradado à generalidade dos gabelenses que, embora em número reduzido, nos têm manifestado as suas opiniões e até críticas que muito nos regozijam. Aceitamo-las e tentamos emendar as nossas "gralhas", quando entendemos que são construtivas as sugestões que recebemos.

Cremos, também, que os nossos objectivos de unir os gabelenses, estão, lentamente, a ser atingidos, considerando os pedidos de adesão de novos sócios e do envio do nosso Boletim.

A dispersão e distância que separam os gabelenses começa a não ser um obstáculo para nos comunicarmos, nos mantermos informados, enfim, para nos man-

termos unidos, cientes de que "a união faz a força".

Agora que tudo parece encaminhado e a rolar, o nosso apelo vai para todos e para que cada um colabore no sentido de dar continuidade ao nosso Boletim, participando como intervenientes activos, com as vossas ideias, enviando artigos ou material para publicação, que tenham na vossa posse e ou apoiando-nos com a vossa contribuição pecuniária, com o simples pagamento da quota anual, uma vez que o Boletim é gratuito para quem as tenha em dia, bem como a sua distribuição.

DIVULGUE O "NOSSO BOLETIM"
E ENCONTRE COLABORADORES
E/OU PATROCINADORES.
NÃO ESQUEÇA QUE ELE É DE TODOS
OS GABELENSES...

A Direcção agradecida.



UMA IDEIA PARA CONCRETIZAR, SE TIVERMOS APOIANTES...

Uma deslocação a Angola, mais precisamente à Gabela, será uma ideia compartilhada por alguns dos nossos associados. Um desejo que estará na mente de muitos, cuja concretização depende de muitos factores dos quais, o económico será, talvez, o mais preponderante.

Há, porém, outras questões que devem ser tomadas em consideração, como sejam os alojamentos, alimentação, transportes para deslocações locais, entre outros...

Ponderamos a ideia de organizarmos uma excursão a Angola, a realizar-se no período das férias da Páscoa, no próximo ano – ABRIL de 1999, cujo itinerário seria LISBOA – LUANDA – PORTO AMBOIM – GABELA – NOVO REDONDO – LOBITO – BENGUELA e, regresso, com uma permanência de 15 a 20 dias e, com um número de participantes até 25 pessoas.

Os pormenores, com um regulamento de instruções a seguir pelos participantes seriam, posteriormente, divulgados, tendo em conta as aderências à ideia.

CONTACTE-NOS DURANTE O
PRÓXIMO ENCONTRO, EM 28 DE JUNHO
AS SUAS OPINIÕES E OU SUGESTÕES
SERÃO BEM RECEBIDAS.

Sede: Rua Cnd. Rocha e Cunha, 19 - 3800 AVEIRO - Tel. 034.20590 - Fax 034.20577
Fábrica: Achada Grande de Trás - Cidade da Praia - CAÃO VERDE

FICHA TÉCNICA



Propriedade: Associação dos Naturals ex-Residentes e Amigos da Gabela

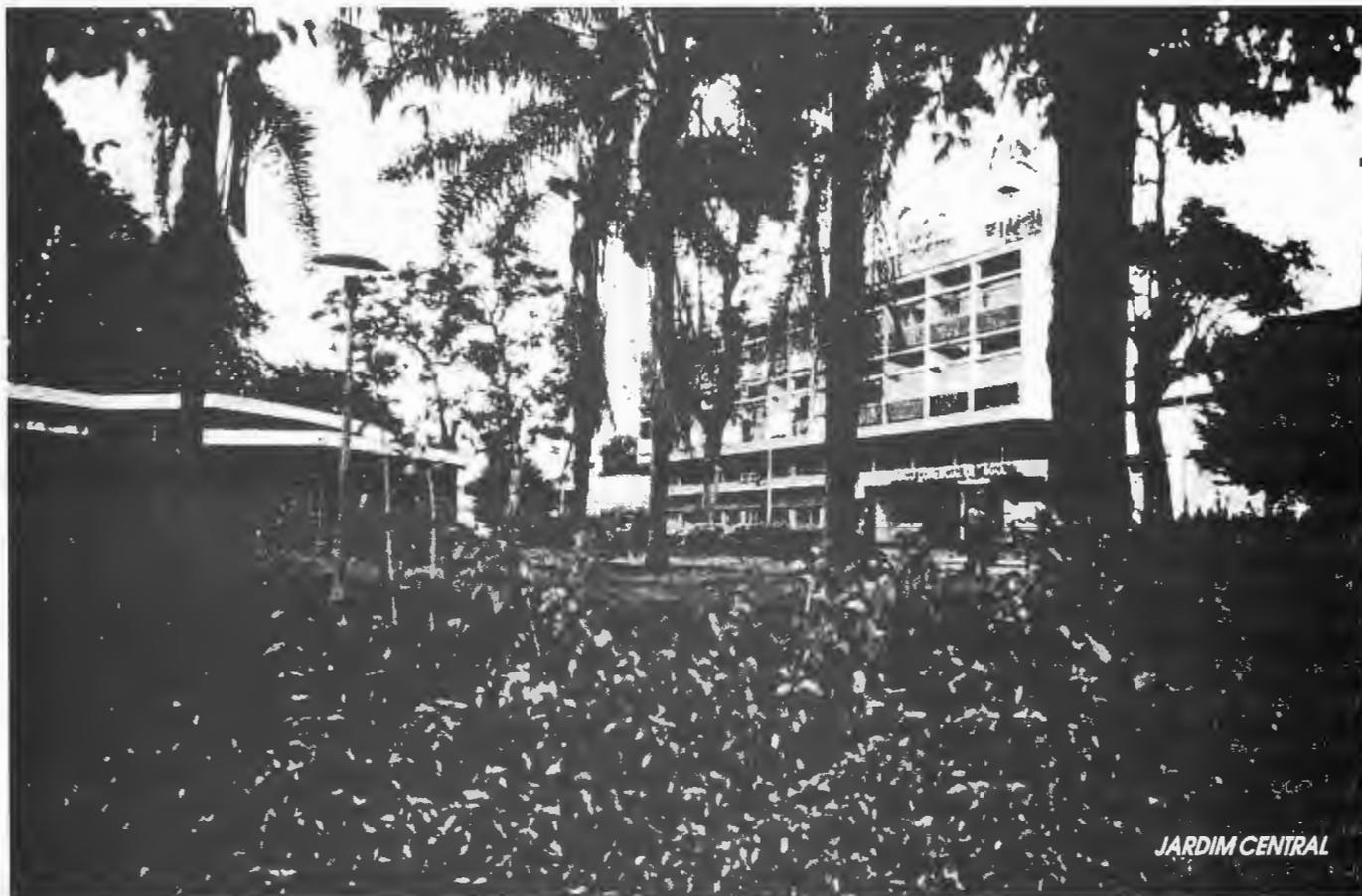
Rua Américo Durão, lote 13 C 2 – 5º Dtº – 1900 LISBOA – ☎ 01/848 23 23

Redacção: Todos os Gabelenses

Composição Gráfica e Paginação: Elsa de Almeida

Periodicidade: Semestral

CASAL CAPÊLO FOI À GABELA



Deslocou-se recentemente à Gabela, o nosso amigo João Capêlo (Jônito) acompanhado de sua esposa Eugênia Capêlo e trouxeram-nos novidades da terra que recordamos ainda hoje com muita saudade. São passados mais de vinte anos que deixámos aquela bonita e saudosa cidade, que hoje vemos degradada, envelhecida, com as suas casas em ruínas, longe do progresso e do desenvolvimento, esquecida no interior dum país de riquezas invejáveis, sobrevivendo à erosão do tempo que a destrói sem piedade. Saber que foi naquela terra onde crescemos e que nos fizemos homens. Saber que foi ali que passámos os melhores dias da nossa juventude. Não é fácil esquecer. Estão marcadas nas memórias de

todos que por ali viveram. Ainda hoje me lembro da minha escola, do maravilhoso jardim que floria mesmo ao centro da nossa cidade, encantando quem por ele passeava, a piscina que se abeirava sobre águas do rio mazungue que estou certo foi moldura de grandes amores e paixões. É lamentável ter-se acabado a vida de tanta gente, à custa de uma guerra sem jeito que só trouxe a fome e a miséria.

Os dias vão passando e a vontade é grande em voltar a ver e pisar aquela terra vermelha que hoje tinge as ruas da nossa cidade, que enegrece as paredes dos prédios velhos e arruinados pela guerra e pelo tempo, que empoeira os jardins e o verde dos cafezais. É grande a vontade de cheirar o perfume das brancas flores

dos cafeeiros que encantam aquela terra nascida entre gigantescas pedras cinzentas, de respirar o cacimbo que a envolvia de uma beleza que foi vezes sem conta, motivo de telas de inúmeros pintores que por ali passaram. Subir ao morro de Santo Antônio e mirar aquela cidadezinha de um encanto singular, que foi também inspiração de um maestro que nos ensinou a cantar "Gabela lindo jardim, linda princesa encantada...". Enfim, este casal foi buscar boas novas que as gravou em fita, que correrá por todos quantos quiserem lembrar e matar algumas saudades da nossa terra.

Fernando Santos

Contactar: João Antônio Nunes Capêlo
Av. Paulo VI nº 90 – 2º Dtº – 2040 RIO MAIOR
Telefone: 043 91864

UMA TROVOADA NO AMBOIM

Seguíamos pela estrada, entre Novo Redondo e a Gabela. Ao Longe, o céu muito negro dava a impressão de se ter feito rapidamente noite. Contudo, eram somente três horas da tarde. À medida que o carro avançava na recta, a caminho das montanhas carregadas de azul-ferrete, a atmosfera tornava-se mais densa e sufocante. Pouco a pouco penetramos na zona sombria de sol oculto.

A humidade condensava-se em gotículas no vidro pábrabras. De um lado e do outro da estrada, para o interior da mata, adensavam-se sombras. O pavimento do asfalto ganhava o brilho baço de uma vasta fita negra, salpicado de água. De repente, escureceu ainda mais e ficou quase noite – uma noite sem estrelas. Depois o céu fendeu-se numa vaga de fogo. Ouvia-se um estampido brutal, que nos deu a impressão de que todo o Armamento se ia desmornar. Faíscas caíam por todos os lados. Os estampidos sucediam-se com a violência de um bombardeamento. Parámos o carro numa rampa, pois era impossível ir mais além, perante o alumbramento das descargas.

O céu rompeu-se novamente e deixou cair enormes bâtegas... A cortina de chuva fazia fumo sobre o pavimento do asfalto. As valetas enchiam-se de um caudal lodoso, avermelhado, cheio de sais de

ferro. Os estampidos, o ribombar do trovão, as bichas-de-rabiar do céu formavam um quadro apocalíptico, infernal. As valetas iam de mar a monte e a água inundava a zona baixa da estrada, de lado a lado, escondendo a faixa de rodagem. Se tivéssemos ficado ali, o carro teria sido arrastado pela enxurrada... Ao fim de uma meia hora, que pareceu um dia de juízo, o céu começou a clarear. Os estampidos tornaram-se menos frequentes e o bombardeamento do tejadilho metálico do carro deixou de se ouvir em ritmo acelerado, até que finalmente só sentimos o deslizar da água sobre a terra encharcada. Foi então que voltamos a dar conta que tínhamos voz.

Vamos embora, antes que venha outra!

CAMPOS INUNDADOS

À medida que avançámos cautelosamente, pudemos ver os efeitos desastrosos da trovoada. A estrada fora cortada em muitos pontos pela enxurrada, deixando-a coberta de lama. As bermas lembravam uma cortiça podre, corroídas e esboroadas. Aqui e além, árvores tombadas. Os campos baixos completamente inundados, com manchas extensíssimas de terra barrenta. Na subida para a Gabela os desprendimentos de terra

contaram várias vezes a estrada e um enorme pedregulho, do tamanho de uma casa de dois andares, esmagava a via, obrigando a um desvio. Para completar o quadro, duas ou

três viaturas empanadas ou voltadas nas pendentes da rodovia.

Seguímos até à Gabela, onde pernoitámos no Guaraná Hotel. A cidade vivia um período de explosão urbana extraordinário, que rivalizava com os demais centros de Angola, considerando-se este o mais activo. Constitua-se por toda a parte, numa paisagem verde, enquadrada por morros verdes e encostas tropicais, que se alongavam povoadas de fazendas agrícolas, ricas de café, algodão, milho e feijão, destacando-se a Companhia Angolana de Agricultura (C.A.D.A.), que oferecia duas vezes por semana cinema aos trabalhadores...

A cidade crescera desde os finais de 1950, cruzada por amplas avenidas, lindos jardins e belas vivendas. O Hospital servia a região e no final de uma avenida, a Igreja, singela e harmoniosa, convidava à paz, sob o manto da padroeira, a Rainha Santa Isabel.

Não havia dúvidas que o progresso transformara o aldeamento conhecido por N'Gabela numa cidade dinâmica e europeizada, mas que sabia conservar a romântica alma africana.

Aquelas montanhas atraíam as trovoadas mas estas passavam irrigando os campos e espargindo-os de verdura. A palavra N'Gabela parece significar separados... Se é esse o verdadeiro sentido, contém uma contradição. Separados mas presos pela saudade. A Gabela e o Amboim fazem saudades para quem ali viveu ou passou. Não esquecem!

Adaptado de um capítulo do livro "Para lá do Equador" (inédito), 1989.

Adriano Vasco Rodrigues
18 de Março de 1966



Av. Dr. Lourenço Peixinho, 174 – 3800 AVEIRO
Tel.: 034.20641 / 034.20590 – Fax: 034.20577

IRMÃOS CASTRO

OUTRA DUPLA DE SUCESSO

ANTÓNIO E LUÍS CASTRO SÃO DOIS DOS MUITOS GABELENSES BEM SUCEDIDOS NA VIDA. NA TERNURA DOS 40, ESTES ANGLANOS PERTENCEM À ELITE DOS MAIS PRESTIGIADOS EMPRESÁRIOS SEDIADOS EM AVEIRO, COM DIVERSOS TIPOS DE OBRA FEITA. TAL COMO OS DO ATLETISMO, TAMBÉM ESTES IRMÃOS CASTRO SÓ SABEM TRIUNFAR.

Recusa o título de empresário de sucesso, por evidente modéstia, mas António Castro, de 48 anos, não pode esconder um trajecto feito de baixo para cima.

Nasceu a meio do século vinte, em Angola. Saiu da Gabela, em meados dos anos 60, para Coimbra, onde tirou o curso de engenharia agrónoma. Regressou à África, de onde voltou a sair para Portugal, como milhares de compatriotas, em Abril de 1974.

Portugal tinha muitos problemas. Um deles era o desemprego. Foi isso que levou António Castro a emigrar para o Canadá. No continente americano ficou meio ano, ocupado com várias actividades. Regressou porque não conseguiu a legalização.

Estava na altura de começar uma vida de empresário. Com o irmão Luís, hoje com 45 anos, engenheiro civil formado no Porto, cria em Gouveia, terra da esposa de António, a "Pavibeira", uma empresa de pavimentos e telhas em cimento. O negócio corre mal porque em 1979, o Fisco condena a empresa a pagar 12 mil contos de impostos. Uma decisão inconstitucional, mais tarde comprovada, com a conseqüente absolvição dos gabelenses.

**CONSTRUÇÃO CIVIL E TURISMO
APOSTAS CLARAMENTE GANHAS**

António Castro não abdicou da empresa de Gouveia e vai recuperar o pavilhão para



transformar a ex-fábrica num complexo turístico. Uma área em que os dois irmãos estão a apostar forte, com a recuperação de casas antigas em diversas aldeias da Serra da Estrela e a criação, em 1991, da agência "Viaje Bem". "O lazer é o negócio do futuro. Cada vez mais as pessoas querem trabalhar menos e gozar mais", justifica António Castro.

Após o percalço da "Pavibeira", António e Luís avançam em 1980 para a "Castro e Marcelino", uma empresa de construção, que ainda se mantém. Cinco anos depois criam a "CAMAP", com António Peixinho (neto do famoso Lourenço Peixinho), a quem posteriormente compram a quota.

Foi a "CAMAP" que construiu algumas das principais obras de Aveiro, escrevendo o seu nome na Universidade de Aveiro, Portucel, Funfrap, Porto de Aveiro, etc. Nos últimos anos, para além da construção de viadutos e outras obras em todo o País, a "CAMAP" tem-se dedicado à edificação de habitações a preços controlados.

Foi assim na "Vila Jovem", em Santiago, e assim será na "Cidadela", em Matadufos. Duas zonas de Aveiro que receberam ou vão receber apartamentos de qualidade a preços muito inferiores a casas idênticas. Uma estratégia comercial (a cinco meses da conclusão da "Cidadela", há já 400 pedidos para 300



habitações) com fins sociais. "As famílias mais carenciadas têm prioridade", revela António Castro.

**INVESTIMENTOS EM CABO VERDE
COM GANGAS E PRÉ-FABRICADOS**

O último regresso à África começou por Cabo Verde. Em Santiago, os dois angolanos constituíram uma nova empresa. Chama-se "Socoína" e dedica-se ao sector têxtil. É a maior fábrica da Cidade da Praia, emprega 80 trabalhadores, e só fabrica gangas para exportação. "Jeans" para vestir a costa africana. Senegal, Nigéria, etc. Os irmãos Castro continuam a correr para Cabo Verde. Para breve está prevista a abertura de uma indústria de casas pré-fabricadas. Estruturas mais baratas e rápidas de montar para o mercado africano.

Para se entreterem, António e Luís Castro ainda possuem a "ITI", uma empresa de electromecânica, virada para as instalações de gás, piscinas e ar condicionado, e as... famílias. António tem três filhos, um casal de gémeos, com 23 anos, e uma segunda menina, com 17 anos. Do casamento de Luís resultou dois rebentos. Um jovem, com 22 anos, e uma rapariga, com 13.

J. P. Costa

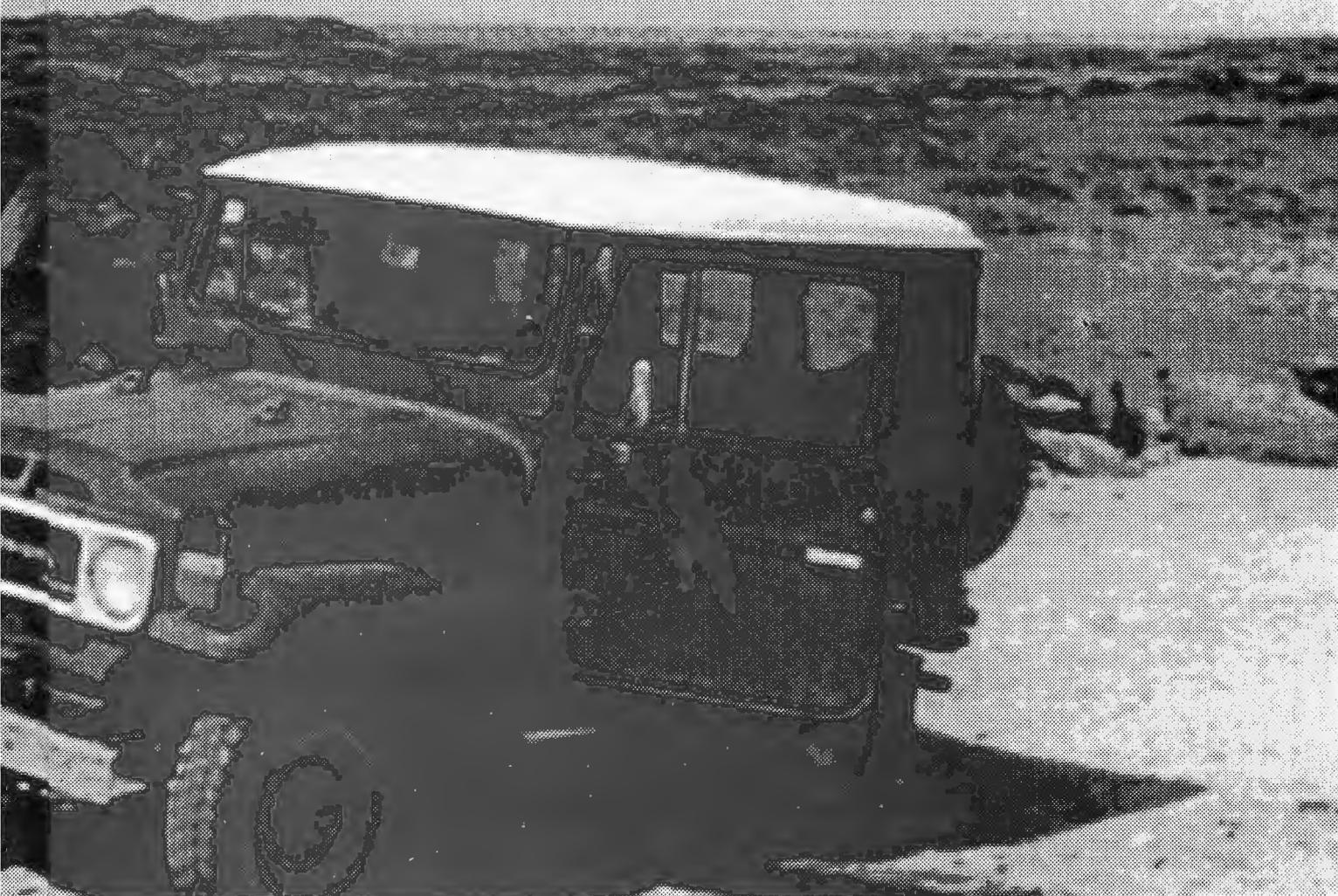




DE JEEP A BISSAU

AS AVENTURAS DE UM GABELENSE

1ª PARTE
CARLOS FELGUEIRA



PORTUGAL

Nascido e criado em Angola, os grandes espaços africanos saudam-me. Os passeios pela Europa para mim são nostálgicos. Assim, quando o meu filho mais novo me disse que ia para a Guiné trabalhar, ocorreu-me logo ir visitá-lo de carro.

Eram quatro horas da tarde de 18 de Fevereiro de 1986 quando resolvi partir. Na véspera, por essa hora, tinham-me entregue o livrete de um jeep que comprara e tinha passado o dia todo a prepará-lo.

Minha mulher, que há trinta anos me acompanha sempre nestas andanças, tinha tratado da compra de comida para 15 dias, de vários medicamentos e feito a mala da roupa. Eu serrei o encosto do banco traseiro do lado esquerdo para o poder colocar entre os dois bancos traseiros e fazer uma cama. Quando esta não era necessária, aquele era novamente encaixado no lugar de origem de dois tubos mais estreitos.

Fiz uma caixa de madeira com tampa, que se ajustava entre os bancos traseiros, onde levaria os "comes e bebes". Entre os bancos da frente e de trás, iriam cinco jerricans ao alto; três para o gasóleo (75l) e dois para a água (40l). Debaixo do banco traseiro esquerdo iria uma caixa de ferramentas composta à minha maneira que dava para desmontar e montar o veículo, se necessário.

Que sobresselentes levar? Depois de muito pensar, optei por duas peças: uma junta da cabeça do motor e uma folha de mola mestra.

Arrumámos os sacos de dormir e a maleta e arrancámos. Tinha-me esquecido de comprar uma bússola, mas num centro comercial comprei uma (1.200 escudos) e coloquei-a no pára-brisas.



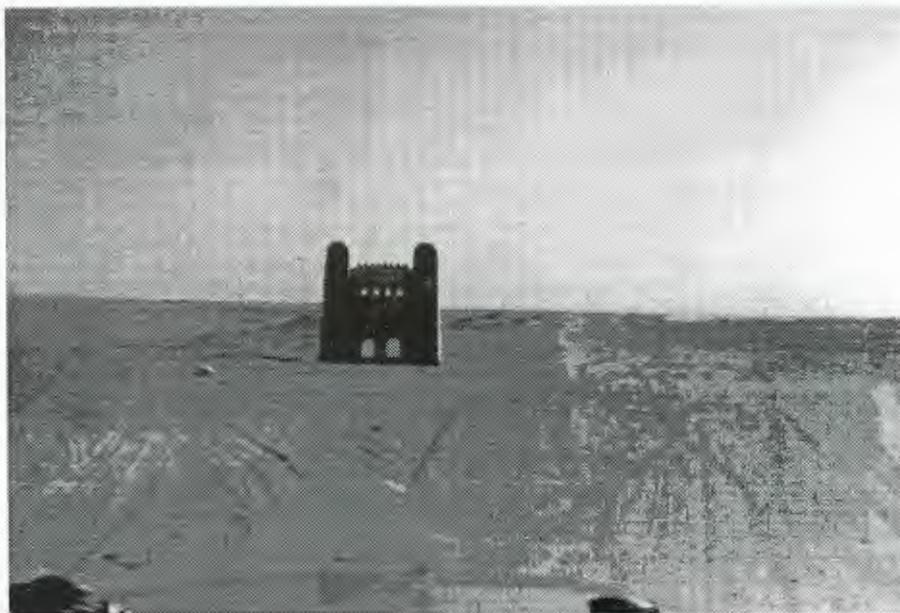
ARGÉLIA: Jeep equipado.
Uma paragem para refeição.

– Méлита, dormiremos perto da fronteira para lá de Beja e amanhã vamos dormir a Marrocos. A noite foi fria, mas a cama tinha sido óptima.

ESPANHA

Passagem da fronteira, Sevilha e auto-estrada a caminho de Cadiz. Ouvia o trabalhar do Toyota e parecia-me tudo em ordem para os próximos 9.000Km. Os 150 mil que este já tinha feito não me assustavam. Tinha-lhe feito uma revisão de rotina e metido cinco pneus novos, radiais de oito telas. Por precaução, comprei uma câmara nova em S. Fernando. Enquanto a minha mulher fazia o almoço no seu camping-gaz, abri o saco da câmara de ar. Barrete: era da medida, mas para jantes de turismo e não jantes com aro. Não se pode confiar em ninguém.

Chegámos a Algeciras, eram dez para as cinco. Fui logo assediado por um indivíduo que me disse que comprava o bilhete para o barco, pois só tínhamos dez minutos; que encostasse ao portão, pois era o último barco do dia. Entreguei-lhe o livrete, começa o porteiro a dizer para avançarmos, pois o dito ia partir. Conversa com o mesmo para entreter até o



aparecimento do engajador. Aí vem ele a correr. Quanto é, quanto não é.

– Nove mil pesetas.

– Tanto?

– Olhe que o barco tem de partir, deixe-se de conversas.

Mal entrámos no portão, fecharam-se as escotilhas.

MARROCOS

Já a caminho de Ceuta, calmamente fomos ver o preço dos bilhetes. Cinco mil pesetas. Outro barrete.

Chegada a Tetouam.

– Méлита, vamos dormir num bom hotel enquanto os houver, porque no jeep vamos nós dormir muitas noites daqui em diante.

No dia seguinte, almoço em Fez. Tivemos a primeira noite no deserto entre Oujda e a fronteira com a Argélia. A noite foi muito fria, e manhã o jeep tinha os pingos da humidade da respiração congelados no tecto. Tive de por o motor a trabalhar várias vezes e ligar a chuffage.

Chegados a um oásis já perto da fron-



GOMARES

Exploração de Restaurantes e Hotelaria, Lda.

RESTAURANTE "O CANTINHO"

AVENIDA CAROLINA MICHAELIS, Nº 35
2795 LINDA-A-VELHA

TELEFONE: 01/419 08 22



teira com a Argélia parámos para almoçar. Estávamos nisto, aparecem dois tropas.

– Não sabem a que fronteira é zona militar?

– Mas onde está a fronteira?

– A cem metros depois daquela curva, mas uma vez que já têm a comida feita, deixem-se estar.

– Já repararam que têm um pneu meio vazio?

O primeiro furo.

Chegados à fronteira, espantel-me. Terminava a estrada com um pau atravessado em cima de duas forquilhas. Ao lado, havia uma tenda onde estavam os dois soldados. Perguntei pela alfândega.

– Devia ter feito as formalidades em Figig, 20 Km para trás.

– É a estrada para a Argélia?

– É por aí fora até àquela aldeia no horizonte, que já é Argélia.

– Mas o jeep não vai conseguir passar por cima dessas pedras soltas e tão grandes.

– O problema é seu, porque não entrou na fronteira de Oujda?

Regressámos a Figig e fui à Polícia.

– Só às quatro horas é que atendemos.

Para passar o tempo, meti conversa com um sueco que se entretinha a ler um livro sobre África. Estava ali retido havia três dias, porque não tinha o livrete do carro, mas sim um carnet internacional de passagem nas alfândegas, porque no Mali só se entrava com esse documento. Isso deixou-me apreensivo, mas depois constatei que não era verdade. Outro problema que tinha era que o carnet indicava que o jeepão era cinzento e não falava numa listas castanhas que tinha a todo o comprimento. Dei-lhe como conselho, ir comprar uma lata de tinta cinzento e pintá-los. Que não. Já tinha telegrafado ao seu cônsulo em Rabat e havia de resolver o assunto.

– Méliita, vamos voltar para casa, pois estes tipos são muito complicados.

– Tu tens é medo do deserto; há vinte

ARGÉLIA: Algures no deserto do Sahara, onde temperaturas são variáveis.

anos atrás quando atravessámos a fronteira de Angola e entrámos no Calaari disseste o mesmo e depois correu tudo bem até Lourenço Marques.

ARGÉLIA

Com estas palavras de encorajamento, prosseguimos e fomos dormir a Bechar. Todo esse dia me consumiu, por os argelinos nos terem obrigado a trocar 30 mil escudos por pessoa, mas, não havia nada a fazer.

No dia seguinte, Adrar. Apesar de ter um bom hotel, dormimos no veículo em frente a ele, pois o dito era só para pessoas importante. Socialismo argelino. Mais formalidades alfandegárias e de polícia, que apesar de demoradas, ainda nos deram tempo para fazer compras no mercado e chegar cedo a Reganne.

Continua no próximo número

ERA UMA VEZ UMA MENINA...

De África, dos tempos anteriores aos meus cinco anos de idade em que vim morar com a minha mãe e duas irmãs mais velhas para Portugal, só tenho algumas lembranças, que não são mais que imagens soltas, dispersas e por vezes difíceis de localizar no tempo e no espaço.

Lembro-me das tardes de chuva na Gabela, pequena cidade do interior de Angola, onde eu nasci, em que eu, de nariz colado ao vidro da janela, entoava aquela cantilena milagrosa que só parava quando o meu intento era conseguido "Nossa Senhora da Conceição faça chuva e sol não". A tal cantilena devia ter mesmo poderes especiais, pois a chuva acabava sempre por parar. Mais tarde, aprendi que as chuvas tropicais são sempre assim: fortes e curtas. Eu continuo a achar que Nossa Senhora da Conceição metia a sua colherada no assunto e, ainda hoje, os meus lábios murmuram, baixinho, aquelas palavras mágicas nas tardes chatas de chuva. Ainda se escoavam os derradeiros pingos de chuva e já eu saía à desfilada pela porta fora, chapinhando com as minhas sandalhinhas brancas, nas pocinhas de água morna, que se tinham formado nas ruas por alcatroar, ao mesmo tempo que aspirava, em grandes golfadas, o cheiro inconfundível que sai da terra depois de uma boa chuvada. Agarrava então com as minhas pequeninas mãos, que naquele tempo ainda não sofriam do preconceito da limpeza, naquele barro bem vermelhinho, acabado de se formar e começavam a sair as minhas verdadeiras obras de arte: bolinhos, frutos, bonecos com grandes e redondas barrigas... e, no entusiasmo da tarefa, já as minhas mãos iam percorrendo os loiros cabelos escorridos e as faces coradas de entusiasmo e prazer, e já eu

também fazia parte de toda aquela obra de arte, que só o banho a que pela certa me iriam submeter, acabaria mais tarde por destruir...

Em dias de sol, as nossas brincadeiras também se ligavam, infalivelmente, à terra mãe. Pegávamos num pedaço de tijolo abandonado e, com uma paciência que só as crianças parecem ter, raspávamos cuidadosamente o pedacinho de tijolo para uma caixinha e não hesitávamos em nos maquilhar com aquele finíssimo "pó de arroz", que me parecia igualzinho ao que a minha mãe usava, se não fosse pelo cheirinho doce que o dela desprendia. Ainda hoje, fecho os olhos e sinto esse odor suave e ao mesmo tempo tão penetrante, que sempre produzia em mim a terna sensação da segurança e protecção. Engraçado como o olfacto pode ser um sentido com um poder tão forte que pode produzir emoções que perduram através dos tempos! E já lá vão quase cinquenta anos...

Havia uma brincadeira da qual me recordo pelo sabor excitante de aventura e perigo que ainda hoje desperta na minha lembrança. Era a "viagem" no velho wagon abandonado. Subíamos todos no ferrugento wagon, os mais velhos ajudando os mais novos, e depois um deles, antes de subir, empurrava a nossa caruagem improvisada pela ladeira abaixo, num pequeno troço de linha que ainda existia. Lá íamos todos aos gritos de alegria, medo e excitação esperando a altura certa para saltar, antes da linha terminar e o wagon descarrilar. Como nos safávamos sempre sem ninguém sair ferido e, como é que esta brincadeira nunca chegou aos ouvidos da minha mãe, é um mistério que nunca descobri!

Os meus pais tinham uma fazenda de

café a uma largas dezenas de quilómetros da Gabela, de forma que a minha vida, durante esse curto intervalo da sua existência, se repartia pelos dois sítios.

Da fazenda, daqueles tempos, guardo imagens imprecisas e esvaídas pela neblina dos tempos mas que teimam em aparecer, timidamente, por entre as brumas da minha memória. Recordo as longas, ou que pelo menos me pareciam longas, viagens de jeep, aos solavancos por picadas esburacadas, paragens frequentes para mudar os pneus, que também não eram de ferro, o terror que me lembro de sentir sempre que o jeep tinha que atravessar em pontes improvisadas de paus que, ao serem atravessados, estalavam com um ruído tão suspeito, que me obrigava a agarrar o pescoço da minha minha mãe e fechar os olhos, com toda a força, até tudo estar terminado. Esta minha atitude muitas vezes irritou o meu pai que, se calhar, também não punha cem por cento de confiança nas tais pontes...

Lembra-me, como à noite na minha cama, ficava de olhos muito abertos, ouvindo os sons estranhos da noite africana que na minha mente de criança imaginativa e habituada a ouvir as histórias que os criados e a minha própria mãe contavam, tomavam formas de leões, hienas, onças e até de outros seres dos quais eu nem sabia o nome. Então enroscava-me nos lençóis e tapava a cabeça repetindo até adormecer, uma frase que a minha mãe me ensinara para quando tivesse medo: "Entre mim e ti está o Sagrado Coração de Jesus...".

O acordar na fazenda era bem mais agradável! Despertava sempre com o barulho que a revoada de pombos fazia quando alguém mais madrugador que



ERA UMA VEZ UMA MENINA...

Continuação

eu, lhes deitava milho no quintal. Ao som barulhento dos pombos vinha juntar-se o doce arrulhar das rolas, que também vinham tomar parte no banquete. Quando por fim debandavam, com os papos bem cheios e bojudos, ficavam por algum tempo a pairar no ar milhares de peninhas cinzentas que, como folhas de Outono, iam rodopiando ao sabor do vento, acabando por aterrar silenciosamente na terra do pátio, no tanque da roupa ou nos próprios ramos das árvores. Depois voltava tudo ao normal.

Lembro-me, também, como era divertido ir procurar os ovos nos ninhos das galinhas! A visão de cada ovo encontrado parecia-me sempre algo de maravilhoso e mágico. Pegava neles com todo o cuidado e colocava-os no meu cestinho, levando-os para casa como se de um tesouro se tratasse.

Recordo-me, com que nostalgia, do passeio diário que dávamos com a minha mãe depois do primeiro e bastante ligeiro pequeno almoço. O segundo era sempre mais tarde e muito mais substancial, pois nele iria estar presente o meu pai e alguns empregados da fazenda, que já tinham saído para os trabalhos diários, ainda noite escura. Íamos até à horta, pelos caminhos húmidos do orvalho da manhã, que o sol, nascido poucas horas antes, ainda não tivera a coragem ou a força suficiente para secar. A minha mãe carregava sempre com ela um pequeno canivete e com ele cortava abacaxi às rodelas, mamão ou dividia ao meio, os pequenos, mas doces maracujás. Eu optava sempre por estes últimos, que é fruta que ainda hoje adoro, e chupava cada metade até ficar com as faces em redor dos lábios completamente roxas. Meu Deus, como aquilo me sabia bem!... Depois, no

regresso a casa, a minha mãe ia apontando árvores, arbustos e plantinhas dando-lhe estranhos nomes indígenas – *landange*, *sâmbia*, *cassussua*, *loengo* – pois ela foi criada em África, e quase sempre no mato, desde os vinte meses de idade. Por vezes, apanhava um destes frutos selvagens e dáva-nos a provar. Não sei se agora os acharia tão bons mas, naquela altura, eles pareciam-me simplesmente deliciosos! Quando achávamos um belo tortulho "mocungo" era uma festa, pois ele depois de bem preparadinho, ia ser um pitéu bem apreciado no pequeno almoço que se iria seguir.

Dos fins de tarde e o crepúsculo, que em África começa muito cedo, ficou-me a memória do som monótono dos grilos, do coaxar das rãs, do ladrar longínquo de

um ou outro cachorro e de sons bizarros de aves e animais que eu não sabia identificar, assim como a visão de um céu que ia avermelhando, até cair subitamente e sem aviso na escuridão total. Era como se o tempo naqueles momentos tivesse ficado parado, suspenso, deixando nos corações uma sensação amarga de vazio. Ainda hoje, quando o entardecer chega, carrega com ele essa memória tão fortemente nostálgica, que sinto formar-se um nó na garganta que, em dias de maior sorte, me ajuda a libertar lágrimas, cruelmente retidas por todos os preconceitos humanos, mas que estão a aguardar a sua vez desde aquele tempo em que eu era só uma menina no colo de sua mãe...

Ana Maria

E SEMPRE A TÃO CANTADA E DECANTADA LIBERDADE

A liberdade, em qualquer sistema económico ou regime político hodierno, seja ele capitalista, socialista, pinochista, castrista, ou qualquer outro que se queira, é sempre a liberdade de uns e o domínio de outros.

Ninguém dá a liberdade a ninguém. A liberdade só se alcança através da libertação e só aos dominados, por quem quer que seja e seja porque for, se põe a questão da libertação.

Quem, por qualquer razão – não importa qual – não tem haveres ou são parcos os seus haveres; não tem instrução; não tem emprego; tem fome – é indiferente se muita ou pouca fome – é sempre dominado. E sendo dominado não pode ser livre, nunca terá liberdade para nada.

A própria liberdade de pensamento, a liberdade de consciência, como sói dizer-se, para já não falar na liberdade de expressão e na liberdade de reunião de que tanto se ouve falar em jeito de democracia – a democracia de uns é a ditadura de outros – é sempre fortemente condicionada e manipulada de modo subtil e ardiloso, sem qual-

quer assomo de escrúpulos, pelos detentores do poder, seja em que lugar e em que tempo for.

Não é verdade que "Querer é Poder?". Para que se possa querer tem de se ser livre e, na verdade, só se é livre quando se tem poder, quando se tem força.

É inútil, pois, cultivar o poder da vontade, o poder do querer pelo querer. O que importa cultivar é o querer o poder, é a vontade do poder, é a sede do poder.

A vontade do poder, a vontade de deter a força bruta, dura e informe, é o verdadeiro motor da História. Já assim falava Zaratustra em Nietzsche e a ele se reconduzem os outros propalados motores da História: a economia, em Marx; a libido, isto é, o desejo sexual, em Freud; a necessidade de reconhecimento, em Popper.

Tudo é poder. Tudo é força. E só é livre quem tem poder. E só é livre quem tem força. Tudo o resto, são cantigas de embalar, são cantigas para adormecer os papalvos.

Silva Carvalho



RECORDAR É VIVER (II)

COISAS DO TEMPO DO KAPARANDANDA

Nunca pensei estar a falar de mim... Não é meu hábito. Porém, com a velhice (aos 65 anos), invade-me uma estranha nostalgia, uma saudade da terra onde me criei, que a cada momento recordo, sonho com ela, sem "saudosismos", mas pelo muito carinho e dedicação em que sempre me empenhei para ser feliz e fazer feliz os que me rodeavam... Devo-lhe tudo.

Com o mesmo espírito e no sentido de mostrar a grandeza da minha Angola e, no essencial, das terras por onde passei vivo a recordar, alimentando os sonhos e realidades vividas, que se me afluam à mente.

Foi em Benguela que, depois da infância, passei a adolescência e me fiz homem. Quando tive de a deixar chorei inconformado, como hoje ainda me emocio ao recordar desse momento tão marcante, que mudou totalmente o rumo da minha vida... Só Deus sabe como sofri resignado ao desligar-me de tantas coisas gratas e que tanto influenciaram o meu viver. Sempre eram 17 anos a beber água do Cávaco e, quem bebe água do Rio Cávaco... Anos de vivência de um cidadão comum, ligado às coisas comuns, aos "feitiços" daquela terra de rubras acácias, da Praia Morena, do meu Sporting (Sportingue) a que me liguei, fazendo da sua sede a minha segunda casa desde muito jovem, compartilhando-o com os meus velhos amigos (Chapeleiro, Matrinde, Victor Alves, Tadeu, Louro, Côco, Sousa Fernandes...) onde, no Estádio José Araújo vivemos horas de glória, de grande amizade, que perduraram ao longo dos tempos. Aí me fiz homem, pronto a enfrentar a vida...

Depois do serviço militar em Luanda, de uma passagem pela Câmara de Benguela (apenas dois anos), o ingresso na Fazenda (Finanças) ainda em Benguela, para realizar o sonho de ser funcionário e

a vocação de um bom prestador de serviços e, onde, profissionalmente pretendia realizar-me e, imodéstia à parte, poder transmitir aos mais jovens, toda uma vivência de um jovem de ascendência modesta, de classe média, muito orgulhoso do respeito que sempre nutriu e dedicou aos que o rodeavam.

Foi com essa intenção e com a alma despedaçada, mas cheio de esperança, que recebi "guia de marcha" nas Finanças em Benguela onde, entretanto prestava serviço (1 ano), para me tornar num funcionário do "mato", olvidando os prazeres e divertimentos da cidade. Tinha consciência que não iria ser fácil.

Quis o destino que a primeira terra a receber-me fosse a minha terra natal – Calulo, concelho do Libolo. Reporto-me a 1959.

Depois de uma viagem morosa de Benguela, pelo caminho de Ferro (C. F. B.) para Nova Lisboa (Huambo), apanhei a carreira da KAPA, passei pela Sanga, onde visitei a minha Tia Ana Botha (Bower), pernoitei na Quibala, na Pensão Cunha e, na carreira da EVA cheguei à Calulo, aos 25 anos, numa perspectiva de ansiedade e, sei lá, de emoção, para conhecer a terra onde havia nascido (1933). Que experiência!!! Senti, no primeiro contacto, toda a responsabilidade desta nova experiência profissional e não só. Senti que algo mais tinha a dar à sociedade em que, a partir daí, me iria inserir, bem no interior do Cuanza-Sul, daquela terra onde vivemos, 14,5 vezes maior que Portugal.

Compreendi, então, que para além de um bom funcionário que desejava ser, teria de ser também um incentivador das suas actividades lúdicas, transmitindo parte, senão toda, de uma vivência na cidade. Entreguei-me de corpo e alma a um trabalho de dedicação a minha terra,

apoiado por todos, em iniciativas no Club, conciliando-as com as minhas actividades profissionais. Próprias das terras pequenas do interior, as "farras" eram inúmeras. Em pouco tempo adaptei-me. Sentia-me em casa e por todos acarinhado. Era a retribuição que nunca me faltou, daquela boa e humilde gente na aposta que fiz e mensagem que me propunha a passar. Até me esqueci que Luanda ficava a pouco mais de 100 Kms, com ligação pela Ponte Filomeno da Câmara.

Benguela mantinha-se na memória, Calulo no coração. Bem me diziam: "Quem bebe água do Cambuco, não deixa Calulo..." Tinha-me habituado à terra, gostava do que fazia.

Sentia-me profissionalmente realizado e no íntimo compensado por ter lidado com gente que me dera lições de perseverança, exemplo de coragem inaudita, sempre na esperança de um futuro melhor. Conheci muitos, nos mais recônditos lugares, vivendo em exiguas condições, sempre com os olhos postos no dia seguinte. Com eles compartilhei, muitas vezes, do peixe seco assado e funge, que tinham para refeição, sempre acompanhado por um "copo de vinho" de barril do Puto. Nessa Escola me formei, me fiz homem e aprendi a amar o próximo, sem distinções de classes, credos ou raças, feliz de viver numa sociedade sem preconceitos, ciente de que chegaria a minha vez e, sempre a desejar para os outros o que seria melhor para mim.

Dizia-se na minha terra: "A comer só funge (pirão) ou funge com galinha, somos sempre os mesmos"...

Prometo continuar, se Deus me ajudar, inspirar, dar alento e for do agrado dos leitores.

Silva Carvalho

VIAGEM AO FUTURO

A PROFECIA DO VELHO DO RESTELO

– Tantos anos se passaram; parece que tudo aconteceu ontem. Vejamos então o que os homens de um país que foi grande fizeram. Quem se lembra deles? Como foram perpetuados? Terão os nomes nas ruas e avenidas de cidades importantes? Por onde começaremos a nossa viagem? Vamos a Lisboa. Surpresa! As ruas são calles; vejamos se haverá ruas com nomes do nosso tempo. Quem sabe? Não! Realmente os heróis perpetuados nas placas dessas calles são castelhanos. Vemos ali a Av. Generalíssimo Franco, a Av. Filipe II. No-

mes portugueses muito poucos. Parámos numa das principais avenidas – a Avenida Salvador Dali – entrámos num café tivemos que pedir um café solo.

A língua dominante é o castelhano. Com espanto e desgosto vimos várias setas que nos indicavam a distância para Madrid. A Cª de Aviação é a Ibéria a moeda é o Euro. Portugal é uma Região Autónoma de Espanha.

Realmente os pequenos portugueses que fizeram de um país tão grande uma província espanhola não constam de placas toponímicas nem são referi-

dos nos compêndios de História.

Tempos:houve em que Portugal era um país pequeno com homens muito grandes – os navegadores, Afonso de Albuquerque – os heróis que deram a vida para Portugal ser maior – os heróis que ninguém lembra.

Por curiosidade fomos a Angola. Aqui, a moeda continua a ser o dólar; a língua é o Inglês, o povo vive miseravelmente – Angola é um protectorado dos Estados Unidos. Não existe Guiné Bissau. Neste espaço fala-se Francês.

Em Moçambique a língua é o Inglês; há guerra na África do Sul – África é um continente sub-habitado – a fome – a guerra – a SIDA – as doenças tropicais dizi-maram aldeias inteiras.

Parámos para pensar – será que poderá haver alguma harmonia em tanta anarquia?

Razão, pensámos nós, tinha o Velho do Restelo que lamentava as descobertas dos portugueses como sacrifícios inúteis de um punhado devalentes, hipotecados pelos seus descendentes fracos mas iluminados.

Pensámos também que a culpa talvez tivesse sido dos governantes antigos.

Talvez se tivessem despenalizado o aborto talvez...

Lisboa Junho de 2098

Jorge Domingues

FILHOS DO MAR

Nasceram do mar.

Em viagens,
Envolto nas ondas,
Partiram com o mar.

As estrelas,
Lá longe...
Seu destino.

O Sol,
Mais além,
Seu rumo.

A caminho das estrelas,
Rumaram para o Oriente.

Ao passar...

Ergueram padrões;
Construíram pátrias.

Misturaram raças;
Fizeram crioulos.

Foram com as ondas.
Voltaram com as ondas.

Se no mar forem grandes,
Na terra ei-los gigantes.

Sílvia Carvalho
1 Novembro 1997

ASSOCIAÇÃO DOS NATURAIS, EX-RESIDENTES E AMIGOS DA GABELA

EXTRATO DE CONTA CORRENTE REPORTADA A 31.12.1997

Movimento de Receitas	Movimento de Despesas
Saldo em 31.12.1996 1.113.242\$50	Envio de Correio 3.560\$00
Quotas 1995 21.000\$00	Envio de Correio 49.270\$00
Quotas 1996 51.000\$00	Aluguer de Aparelhagem de som "Parque" 45.000\$00
Quotas 1997 286.500\$00	CD's Música Angolana 23.563\$00
Brochuras da Gabela (25x1.000\$00) 25.000\$00	Trabalhos gráficos da Revista Gabelense nº0 11.000\$00
Brindes, Galhardetes, Camisolas, Emblemas, etc. 29.410\$00	Revista "O Gabelense" nº0 40.000\$00
Oferias 1.500\$00	Aluguer das mesas para o Encontro 80.000\$00
Publicidade 25.000\$00	Etiquetas e correio 10.530\$00
Juros de Depósitos <u>44.878\$00</u> <u>484.288\$00</u>	Correio 17.243\$00
	1.000 envelopes 12.847\$00
	Trabalhos gráficos da Revista Gabelense nº1 18.000\$00
	Correio (expedição da revista nº1) 51.135\$00
	Aluquete para o parque 580\$00
	Revista "O Gabelense" nº1 40.000\$00
	Uma coroa de flores 7.500\$00
	SALDOS
	Em Depósito à Ordem 387.302\$00
	Em Depósito a Prazo <u>800.000\$00</u> <u>1.187.302\$00</u>
SOMA: 1.597.530\$00	SOMA: 1.597.530\$00

As contas referem-se ao movimento da actual Direcção e são reportadas ao ano de 1997, com o apuramento do saldo de Esc.: 1.187.302\$00, comprovado pela Prestação de contas da Tesouraria.

O Tesoureiro,
Ass.: Acácio A. Oliveira

O Presidente,
Ass.: Luís H. Silva Carvalho

CULINÁRIA

MUZUNGUÉ

- 1 Cabeça de Peixe (grande)
- 2/3 postas grossas de peixe
- 3 cebolas
- 3 tomates grande e bem maduros
- 2 mandiocas
- óleo de palma
- jindungo e sal q.b.
- farinha de pau torrada q.b.



Põe-se uma panela ao lume com bastante água (3/4 litros), o óleo de palma, as cebolas às rodelas e o tomate aos bocados e deixa-se ferver um pouco. Deitam-se então as mandiocas descascadas e cortadas em quatro pedaços, o peixe, o sal e o jindungo, deixando ferver em fogo brando até estar tudo bem cozido, mas sem deixar desfazer o peixe.

Deita-se a farinha de pau torrada em tigelinhas individuais e mistura-se com o óleo de palma, que vai aparecendo à superfície do caldo. Serve-se bem quente em pratos fundos. A farinha de pau torrada, anteriormente preparada, serve-se à parte.

Obs.: Em Benguela, este prato era servido nas madrugadas de farra, para retemperar as forças.

RESTAURANTE TROPICAL

GERÊNCIA:

JOSÉ M. R. GOMES



COZINHA TRADICIONAL PORTUGUESA

Especialidade: PRATOS TÍPICOS ANGOLANOS